

Três de 4 de abril e a mesma luta

O reverendo da Igreja Batista dos EUA e Prêmio Nobel da Paz Martin Luther King foi assassinado em 1968 no Motel Lorraine, em Memphis, às 18hs. Em 4 de abril, cumpriram 50 anos desse assassinato que marcou a humanidade.

Eles queriam silenciar a voz de quem defendeu os direitos civis de seus irmãos afro-americanos, em face das injustiças e da discriminação prevalentes nos Estados Unidos, um dos países mais racistas do mundo. Hoje é necessário recordar sua luta, não violenta, em defesa da dignidade humana ameaçada pelo racismo e pela xenofobia persecutória do governo Trump.

Enquanto você lê esta nota, o muro da infâmia cresce entre os Estados Unidos e a América Latina. Não é a única parede fronteiriça do mundo nem será a última, desde que não saibamos que as paredes mais difíceis de derrubar são aquelas que estão na mente e no coração. Que para derrubá-los é na consciência e valores do ser humano, no conhecimento de que somos todos diferentes, somos provenientes de diferentes países e culturas, línguas, mas temos os mesmos direitos, que devem ser respeitados.

Há alguns anos, eu estive no Motel Lorraine para visitar, meditar e rezar no quarto onde Luther King foi assassinado. Eu tive presente seu espírito e fé diante do drama da humanidade, quando ele disse: "Se o mundo acabar amanhã, ainda plantarei minha macieira".

Outro dia 4 de abril, desta vez em 1977, voltei do Equador e fui renovar meu passaporte para o Departamento Central da Polícia Federal. Lá fui preso e levado para um centro de tortura porque as atividades não violentas de luta contra as ditaduras latino-americanas haviam me colocado em uma lista de pessoas perigosas para a ditadura argentina.

Era a Semana Santa, eu estava trancado em um "tubo", uma pequena masmorra escura, fedorenta, com um tapete no chão, eu não sabia o que poderia acontecer comigo. Um acompanhante que me acompanhou à polícia conseguiu notificar minha família e organizações nacionais e internacionais.

Horas sem fim passaram no confinamento. Bati na porta da masmorra para ir ao banheiro, um guarda abriu, a luz entrou e pude ver na parede muitas inscrições, nomes de seres queridos, insultos, orações. Fiquei impressionado com uma grande inscrição de sangue de um prisioneiro na parede... ele disse: "Deus não mata".

Este 4 de abril, 41 anos da minha detenção, que durou dois anos e da qual vivi o horror do poder da ditadura militar que atacou a minha vida em diferentes ocasiões, bem como contra a vida do nosso povo argentino, que disse Nunca Mais e que continua lutando até hoje para que haja Memória, Verdade e Justiça.

Este mesmo 04 de abril também teve como protagonista um lutador não violento contra a injustiça. Um sindicalista que foi preso pela ditadura militar de seu país, o Brasil, depois presidente duas vezes e recentemente sofreu um ataque à sua vida no contexto de uma perseguição política que o leva de volta à prisão pela ação das castas neogolpistas.

Não houve crime quando a presidente Dilma Rousseff foi demitida, removida por decretos publicados que já haviam sido utilizados por outros presidentes, não há crime de Lula na causa do tríplice, porém eles a inventaram para impedir sua candidatura à presidência, porque sabem que vence no primeiro turno. Eles não querem matá-lo, não querem libertá-lo, só precisam criminalizá-lo e prendê-lo pelo simples pecado de

tirar mais de 30 milhões de pessoas da pobreza e colocar em risco os privilégios de grupos de poder que acreditam possuir Brasil.

A luta não violenta para recuperar os direitos do povo continua, eles não serão capazes de silenciar as vozes da resistência ou a força da verdade, que destrói muros e que nos chama a continuar plantando sementes de esperança.

Adolfo Pérez Esquivel
Premio Nobel da Paz 1980

Eu convido você a participar da campanha #NobelparaLula, para convencer as pessoas com a possibilidade de aplicar de acordo com as regras do Comitê do Nobel: <https://www.change.org/nobelparaLula>

Nota publicada na edição impressa do Diário Perfil: <http://www.perfil.com/columnistas/tres-4-de-abril-y-una-misma-lucha.phtml>

Esta é a carta que apresento ao comitê norueguês do Nobel em setembro de 2018, nomeando Luiz Inácio "Lula" da Silva para o Prêmio Nobel da Paz. Convido você a participar da campanha #NobelparaLula, para convencer as pessoas com a possibilidade de se inscreverem de acordo com as normas do Comitê Nobel: <https://www.change.org/nobelparaLula>

Adira à campanha!

Imprensa Adolfo Pérez Esquivel: Andres +54 9 11 6145 7388